



A EDUCAÇÃO HUMANISTA E TECNICISTA: REFLEXÕES DE JACQUES MARITAIN E PAULO FREIRE

Regina Lúcia Praxedes de MEIRELLES*
Rafael Coelho do NASCIMENTO**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de educação a partir das propostas do humanismo do filósofo francês Jacques Maritain e do pedagogo brasileiro Paulo Freire, com intuito de refletir sobre a educação tecnicista, realçando pontos positivos e negativos desta visão, considerando o cenário educacional brasileiro. Maritain compreende a educação como meio de formar o homem para se tornar homem, levando em consideração sua integralidade. Freire compreende a educação como meio de libertação do próprio indivíduo, a partir de uma consciência crítica na *práxis*. A perspectiva humanista contribui na formação do cidadão, defendendo que educar o indivíduo para si e para a vida em sociedade são ações imprescindíveis e que se complementam. Sua proposta é de uma educação que envolva tanto os educandos quanto os educadores, que liberte o homem da opressão. A educação tecnicista, de origem positivista e behaviorista, preocupa-se, principalmente, com a formação para o trabalho produtivo. O reducionismo é criticado pelos pensadores, pois leva a considerar somente a dimensão material, empírica, excluindo a dimensão transcendental, ou seja, o homem é compreendido fora de sua integralidade e impedido de desenvolver sua vocação ao **ser mais**, sendo o tecnicismo uma desumanização, o ser menos.

Palavras-chave: Educação Humanista. Educação Tecnicista. Maritain. Paulo Freire.

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do curso de Graduação em Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

** Bacharel em Filosofia e Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

1 INTRODUÇÃO

Propomo-nos, neste artigo, investigar o conceito de educação a partir das propostas do humanismo do filósofo francês Jacques Maritain e do pedagogo brasileiro Paulo Freire, com intuito de refletir sobre a educação de cunho tecnicista, realçando pontos positivos e negativos desta visão, considerando o cenário educacional brasileiro.

A escolha dos dois pensadores justifica-se por ambos defenderem uma ação educadora humanista frente aos desafios de sua época e posteriores. Seus estudos constituem-se enquanto fontes importantes que permitem refletir sobre outros caminhos que se distinguem da concepção pragmática de educação que está em voga.

O pensamento filosófico de Maritain é marcado por várias influências, sendo a principal os estudos de São Tomás de Aquino, ou seja, ele interpreta na modernidade o pensamento tomista, correspondendo-o ao contexto histórico-social do início do século XX, sendo considerado um neotomista.

O humanismo visa tornar o homem cada vez mais humano. Maritain distingue o humanismo teocêntrico do antropocêntrico, criticando o segundo que evidencia a racionalidade, suprimindo a transcendência. O humanismo integral proposto pelo filósofo visa tratar o ser humano, levando em consideração suas diversas dimensões, respeitando e promovendo a dignidade da pessoa, diferenciando-se da perspectiva medieval, que via o ser humano como miserável, despreparado para entender a transcendência, assim como da perspectiva moderna, que o considerava determinado pela racionalidade instrumental e cientificista.

Maritain compreende a educação como meio de tornar o ser humano cada vez mais humano, dedicado à comunidade, à esfera social, buscando despertar o sentido de sua liberdade, solidariedade, de seus deveres e de sua responsabilidade. A principal finalidade da educação humanista é formar o homem para se tornar homem, levando em consideração sua integralidade. O seu objetivo é de guiar o desenvolvimento da pessoa humana para viver em sociedade, afirmando e despertando o sentido de liberdade, solidariedade, de seus deveres e de sua responsabilidade, contribuindo para que suas vontades sejam direcionadas retamente, ou seja, ocupar-se plenamente com a formação do cidadão.

Já o pensamento de Freire é marcado pelo existencialismo, a fenomenologia e o marxismo, refletindo sobre as consequências sociais, políticas e pedagógicas das variadas formas de relação da humanidade. Freire entende a educação como meio de libertação do próprio indivíduo, a partir de uma consciência crítica na *práxis*. A perspectiva humanista contribui na formação do cidadão, defendendo que educar para a vida em sociedade requer a educação da pessoa primeiramente.

A visão humanista do pedagogo Paulo Freire está fundada na realidade sócio-histórica, ou seja, o ser humano está situado no tempo e no espaço, na relação com o outro. Sua proposta é de uma educação que humanize tanto os educandos quanto os educadores, que liberte o homem da opressão social. Além das influências filosóficas que contribuem na construção de seu humanismo, Freire também se nutre do humanismo integral de Maritain e de outros humanistas cristãos.

As obras que darão fundamentação teórica à pesquisa serão **Humanismo Integral (1965)**, **Rumos da Educação (1968)** de Jacques Maritain, **Pedagogia da Autonomia (1996)** e **Pedagogia do Oprimido (1970)** de Paulo Freire.

Isso posto, a temática aqui proposta se mostrou relevante para uma análise do cenário da educação brasileira diante de um ensino que prioriza a técnica e não considera o humano em sua diversidade. Condicionada pelo mercado de trabalho, toma como objetivo o caráter utilitário do conhecimento, distanciando-se, assim, da formação do cidadão, apartado de valores sociais e de justiça comum.

2 JACQUES MARITAIN: O HUMANISMO INTEGRAL E A EDUCAÇÃO HUMANISTA

Jacques Aimé Henri Maritain, filósofo francês, nasceu em Paris em 18 de novembro de 1882. Formou-se em Filosofia pela Universidade de Paris em 1905 e estudou biologia na Alemanha. No Colégio de França teve como professor Bergson, que, juntamente com Spinoza e Driesch, marcaram o seu pensamento filosófico.

O filósofo francês está situado na modernidade e se deparou com os desafios deste tempo. O século XX é marcado pela ideia de progresso, rompimento com a tradição e seus valores; pela filosofia racionalista, empirista e pelo antropocentrismo. Ele viveu o estopim da Segunda Guerra Mundial, permanecendo nos Estados Unidos onde, posteriormente, propagou sua concepção de democracia cristã.

O pensador destacou-se em sua produção filosófica ao tratar da política, propondo uma democracia diante da polarização entre liberalismo e comunismo, sendo uma de suas obras relevantes neste campo chamada **Cristianismo e democracia (1943)**, escrita a partir dos anos de guerra e ocupação nazista na França, a qual enfatiza a ideia de um regimento democrático, com um sentido amplo de democracia a partir dos princípios evangélicos. Recebe de São Tomás um realismo desmistificador ao tratar dos problemas de seu tempo, tais como: a política, guerras, educação, o homem, entre outros. Considerou o contexto histórico, sendo capaz de propor para uma solução filosófica.

Segundo Lepargneur (1974), Maritain foi capaz de analisar o problema fundamental para o espírito humano, ao considerar-se pessoa única, e sua compreensão enraizada na realidade ao perceber que é preciso distinguir para unir, sendo que “[...] ninguém sabe realmente distinguir senão sobre o horizonte que une os elementos; ninguém sabe realmente unir, se não perceber as distinções entre os elementos, respeitar os particularismos” (LEPARGNEUR, 1974, p. 498).

Esta reflexão tomista sobre o espírito humano, como pessoa única, relacionado à realidade do mundo e dos outros o faz desenvolver sua obra chamada **Filosofia cristã (1933)**, abordando os graus do saber racional (filosofia e ciência experimental; realismo crítico; conhecimento da natureza sensível; conhecimento metafísico) e os graus do saber suprarracional (experiência mística e filosofia; da sabedoria agostiniana; São João da Cruz e a contemplação; o Todo e o Nada). Ela favorece um diálogo intercultural, considerando a pluralidade, diferentemente de uma filosofia propriamente cristã como abordada por outros autores.

O grande problema para o filósofo humanista na modernidade foi o antropocentrismo, pois enfatiza a imanência, tornando-se um humanismo ateu, fundamentando numa metafísica em função do saber científico experimental (MONDIN, 2005). Nela, o ser humano encontra-se em si o fundamento, desprezando Deus. A partir disso, segundo Mondin, “[...] a imanência se contrapôs dramaticamente à Alteridade e à Transcendência e se colocou como começo absoluto de toda ordem e de todo valor” (MONDIN, 2005, p. 143).

A solução para os problemas sociais, na visão de Maritain, seria a nova cristandade, embasada numa democracia fundada nos princípios evangélicos, ou seja, seria uma “[...] sociedade democrática dotada de uma filosofia própria da

democracia e da política, e de uma fé secular própria” (MONDIN, 2005, p. 143). Ela seria, de certa maneira, um humanismo, pois valoriza o homem e a pessoa; seria integral, pois afirmará que o homem está embasado na transcendência, aberto a Deus, sendo o mundo como “momento de sua presença no ser” (MONDIN, 2005, p. 143) e não como aquele que define o ser totalmente.

2.1 O HUMANISMO INTEGRAL

Com a obra **Humanismo Integral (1965)**, Maritain criou uma filosofia política na qual legitima a promoção da pessoa e da humanidade, dispendo como base os princípios cristãos, inspirando-se em Aristóteles e São Tomás de Aquino, que afirmam a primazia do espírito no homem, diferentemente da perspectiva materialista do socialismo.

Segundo Nicolas Abbagnano, entende-se humanismo como “qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem” (ABBAGNANO, 2007, p. 518). O humanismo, em sua essência, busca tornar o ser humano mais verdadeiramente humano, trazendo à tona sua dignidade originária, fazendo-o se desenvolver na natureza e na história, buscando responder o questionamento sobre a definição e essência do homem. O filósofo francês diferencia humanismo teocêntrico de humanismo antropocêntrico, ressaltando que o primeiro aborda o homem integralmente, como centro, mas não desconsidera o Transcendente; já o segundo destaca o homem, somente, sendo este o centro. Assim Maritain explicita essa diferença:

Reconhece a primeira espécie de humanismo que Deus é o centro do homem, implica a concepção cristã do homem pecador e redimido, e a concepção cristã da graça e da liberdade de que reconhecemos os princípios. Acredita a segunda espécie de humanismo que o homem é ele próprio o centro do homem, e assim de todas as coisas. Encerra uma concepção naturalista do homem e da liberdade (MARITAIN, 1965, p. 24).

O humanismo antropocêntrico, iniciado por Petrarca e continuado por Dante Alighieri e Boccaccio, direciona o homem para viver submisso à razão; busca retomar as concepções do homem clássico da cultura grega, se opondo ao pensamento medieval e escolástico. Ele traz um problema, qual seja, evidencia a

racionalidade, suprimindo ou negando outras dimensões da vida humana, tais como: a vida religiosa, a poesia e a arte. Além disso, não abarca questões filosóficas como a metafísica, a dialética ou a lógica. Ele chegou à educação propondo mudanças, diferenciando-se dos métodos escolásticos, apresentando um ensino voltado para a prática, buscando o desenvolvimento universal das capacidades humanas.

O humanismo integral, desenvolvido por Maritain, inspirado na escolástica aristotélico-tomista do período medieval, é um novo paradigma que leva em consideração os diversos aspectos da vida humana, respeitando e promovendo a dignidade da pessoa, em um engajamento sócio-político e sua abertura para o Transcendente. Ele se caracteriza por buscar a integralidade da pessoa, contrariando a visão moderna, limitada na racionalidade instrumental e cientificista, e a concepção medieval, a qual tratava a pessoa humana como um ser miserável, submisso a Deus. O filósofo francês afirma que o humanismo integral representa uma nova cristandade não mais sacral, porém profana (MARITAIN, 1965), sendo este teocêntrico. Trata o homem numa unidade, considerando aspectos metafísicos e a história, na qual ele está inserido, superando qualquer dualismo:

[...] o humanismo tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano, e a manifestar sua grandeza original fazendo-o participar de tudo o que o pode enriquecer na natureza e na história; ele exige ao mesmo tempo que o homem desenvolva as virtualidades nele contidas, suas forças criadoras e a vida da razão, e trabalhe por fazer das forças do mundo físico instrumento de sua liberdade (MARITAIN, 1965, p. 4).

Conforme o filósofo humanista, o homem se integra como pessoa e indivíduo; é pessoa na sua totalidade, em contraste com objetos ou animais, munido de razão, vontade e liberdade. Sendo assim, faz parte de sua natureza uma individualidade, formando um todo completo em si, com sentido de corpo (matéria) e suas necessidades (MARITAIN, 1965). Este projeto discorre sobre o homem calcado numa base transcendente e considera o mundo como oportunidade da sua presença no ser e não como seu definidor absoluto. É possível perceber em sua proposta a primazia do homem sobre as coisas e sobre os processos sociais; que o bem comum não se encontra no abarcar interesses individuais. Critica o neoliberalismo e a filosofia da história marxista, estando, assim, em consonância com a plena realização da pessoa.

Maritain contribuiu, em 1948, após a Segunda Guerra Mundial, para ser aprovada, difundida e garantida a Declaração Universal dos Direitos Humanos. São interpretações das leis humanas a partir do Direito Natural. Atuou, ainda, na garantia dos direitos de vários grupos excluídos, tais como: os pobres, analfabetos, mulheres, índios, entre outras minorias, sendo um dos seus legados a educação humanista, pois esta é capaz de humanizar.

2.2 A EDUCAÇÃO HUMANISTA

Diante das variadas preocupações de Maritain, destaca-se a educação, que no seu entender exerce um papel de formação do homem e de libertação interior da pessoa humana, ou seja, “[...] a educação não é adestramento animal. A educação no homem é um despertar humano” (MARITAIN, 1968, p. 43).

Visando o bem comum e refletindo sobre as formas de governo, especialmente a democracia, ele acredita que a educação exerce grande influência no povo, despertando na sociedade a convicção de seus poderes e responsabilidades, baseada no valor essencial da fraternidade. Afirmava, ainda, que devia ser pluralista, considerando a religião, a razão, as ciências, as diversas concepções de mundo, propondo a liberdade e os direitos humanos.

Maritain, seguindo Santo Tomás de Aquino, preocupou-se com a finalidade da educação. O conhecimento do fim é o ponto de partida para a compreensão de sua proposta, sendo não somente um problema metodológico, mas cosmológico, considerando a ordenação da natureza, e também antropológico, envolvendo a própria essência do homem. Nesse sentido, a finalidade da educação:

É guiar o homem no desenvolvimento dinâmico no curso do qual se constituirá como pessoa humana – dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais – transmitindo-lhe ao mesmo tempo o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence e conservando a herança secular das gerações (MARITAIN, 1968, p. 36).

Considerando que para Maritain a principal finalidade da educação humanista é formar o homem em sua integralidade, ele posicionou-se contrário à visão positivista, afirmando que sua teleologia é somente fenomenológica – física, biológica e histórica, desconsiderando o caráter metafísico, pois não são objetos de

uma verificação empírica. Também criticou a educação contemporânea que sobrepôs os meios sobre os fins. Os métodos são necessários visando este fim e precisam sempre ser adaptados e renovados, contudo, ela não pode ser trocada pelos variados recursos utilizados no ensino que foram desenvolvidos e acabam sendo cultuados. Tal instrumentalização dos processos de ensino e de aprendizagem foi desaprovada por Maritain:

[...] esta supremacia dos meios sobre o fim e o desmoronamento consecutivo de todo propósito seguro e eficácia real parecem ser a principal censura que podemos fazer à educação contemporânea. Seus meios não são maus, ao contrário, geralmente melhores do que os da velha pedagogia (MARITAIN, 1968, p. 28).

O objetivo da educação seria, então, o de guiar o desenvolvimento da pessoa humana para viver em sociedade, afirmando e despertando o sentido de sua liberdade, solidariedade, de seus deveres e de sua responsabilidade, contribuindo para que suas vontades sejam direcionadas retamente, ou seja, ocupar-se plenamente da formação do cidadão (MARITAIN, 1968).

É preciso considerar o aspecto utilitário da educação, que visa formar a criança para exercer um ofício, mas este não deve prejudicar a sua finalidade, assim afirma Maritain:

O aspecto utilitário da educação, que quer tornar a criança apta a exercer mais tarde um ofício e ganhar sua vida, não deve ser menosprezado, pois, os filhos do homem não foram feitos para o ócio aristocrático. Entretanto, o melhor meio de obter esse resultado prático é desenvolver as capacidades humanas em toda sua amplitude. Os estudos especializados que posteriormente poderão ser exigidos não devem jamais prejudicar a finalidade essencial da educação (MARITAIN, 1968, p. 37).

Para não cair em um sociologismo e nem no pragmatismo, Maritain adverte que “a essência da educação não consiste em adaptar um futuro cidadão às condições e interações da vida social, mas primeiramente em formar um homem – e, por aí, preparar um cidadão” (MARITAIN, 1968, p. 43). Ou seja, a educação para a vida em sociedade requer a educação para a pessoa primeiramente.

A educação humanista, diante do intelectualismo, que apresenta as funções práticas e operantes da inteligência em detrimento dos valores universais e do voluntarismo, considerado por Maritain como um erro, pois evidencia a supremacia da vontade sobre o intelecto, acredita que a inteligência, em si, é mais notável que a

vontade, pois sua ação é mais abstrata e universal. Porém, destaca a primazia de amar o bem do que simplesmente conhecê-lo. Assim, a educação deve colaborar para que a inteligência e a vontade caminhem para a perfeição, mas salienta que a formação da segunda é mais relevante para o homem: “[...] é pela vontade, quando ela é boa, que o homem se torna bom e reto, não pela inteligência, por perfeita que seja” (MARITAIN, 1968, p. 52). O homem não existe somente como ser físico, antes, ele possui um espírito, que é a raiz da personalidade. O filósofo destaca, portanto, uma preocupação com a ética individual, esta que manifesta a liberdade da pessoa, presente na totalidade do homem, necessária na construção do bem comum.

Tudo pode ser aprendido? Para Maritain, afirmar tal possibilidade é um erro característico da modernidade, um paradoxo, pois ele defende que a educação, no sentido estrito, deve ser preocupar com aquilo que é mais importante, a formação do homem. Ele destaca o papel moral da escola, sendo possibilitadora de uma formação que inclua “[...] a retidão da vontade e a aquisição da liberdade interior, bem como o estabelecimento de uma sã relação com a sociedade” (MARITAIN, 1968, p. 60).

Segundo o filósofo, o agente principal do processo educacional é o estudante, sendo o professor aquele que “[...] deve orientar a aquisição do conhecimento e uma sólida formação do espírito para a libertação do poder intuitivo do aluno” (MARITAIN, 1968, p. 209). O professor tem uma autoridade sobre o educando, que significa o seu dever para com sua liberdade. Diante das variadas técnicas e métodos de ensino, para Maritain a missão mais importante do educador é a de despertar o poder intuitivo do aluno e sua criatividade. Sendo a intuição uma percepção introspectiva do eu, este pensador considera que a inteligência, ao fazer uma reflexão sobre si mesma, pode apreender uma percepção das coisas de forma direta e imediata.

Na análise do conceito e das características da educação humanista do pensador, é possível perceber o esforço em conceber uma unidade do homem, favorecendo a humanização, fortalecendo a inteligência e a vontade, preservando a liberdade da pessoa (MARITAIN, 1968). A seguir, analisaremos a perspectiva freiriana sobre a educação humanista, o qual se inspirou no humanismo de Maritain.

3 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO HUMANISTA

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido como Paulo Freire, nasceu em Recife – PE, no dia 19 de setembro de 1921. Após concluir os estudos iniciais, aos 22 anos ingressou na Faculdade de Direito do Recife, com intuito de aprofundar no trato das ciências humanas. Se encantou pela educação desde cedo, ao ser atraído pelos estudos da língua.

Interessado pela educação desde sua juventude, possui uma caminhada de destaque, assumindo várias funções nos estabelecimentos educacionais, desde professor a gestor. Foi membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife, diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife. Iniciou sua carreira como professor do ensino superior lecionando Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social, que, posteriormente, tornou-se parte da Universidade do Recife.

Defendendo a tese **Educação e atualidade brasileira**, recebeu em 1959 o título de Doutor em Filosofia da Educação, sendo também nomeado professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Recebeu o certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes.

Freire é considerado educador progressista por defender que a educação de adultos deveria “[...] se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizados para jamais reduzir-se num simples conhecer de letras, palavras e frases” (GADOTTI, 1996b, p. 35). As teorias progressistas buscam uma nova concepção de educação a partir de seu caráter político, visando uma pedagogia social e crítica. “O esforço da pedagogia progressista visa a tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, abrindo espaço para o acesso das camadas populares à educação [...]” (ARANHA, 2006, p. 269).

O pedagogo brasileiro conheceu a extrema pobreza da região Nordeste do país, acreditava que o processo educacional precisava estimular o engajamento político-social dos adultos, tornando-os conhecedores dos problemas sociais e protagonistas das decisões referentes às suas comunidades. Ao ter êxito em seu projeto de alfabetização de adultos, que ficou conhecido e respeitado pelo mundo,

foi desmantelado pela ditadura militar (1964-1985), obrigando-o a se exiliar por quatorze anos no Chile, em vários países da África, na Suíça e na Nicarágua.

Freire fez parte de segmentos mais progressistas da sociedade civil brasileira, compostos por operários, campesinato, estudantes, professores universitários, intelectuais e clero católico. Tinham o objetivo de romper com as tradições arcaicas, autoritárias, discriminatórias, elitistas e interditadoras (GADOTTI, 1996b). Ele foi chamado de o pedagogo da indignação. A educação como ato político foi a forma de superação das desigualdades sociais apontada por Paulo Freire. “Esta natureza política da educação, antes mesmo que sua especificidade pedagógica, técnica e didática, tem sido o cerne da preocupação freireana tanto em suas reflexões quanto na sua *práxis* educativa” (GADOTTI, 1996b, p. 37). O pensamento freireano foi desenvolvido a partir de vários fundamentos, sendo necessário abordá-los para compreendermos sua visão humanista da educação.

Várias correntes filosóficas influenciaram o pensamento de Paulo Freire, entre elas destacam-se o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo. Seu olhar existencial para o mundo e sua problematização o colocou de perto com o drama da existência pessoal a partir dos que vivem na pobreza, na fome, dos oprimidos. O homem, como ser inacabado, que virá a ser, é desvelado na proposta freireana como um contínuo prosseguir, caminhar, diferentemente do pensamento opressor, que afirma a estaticidade da vida, quem nasceu pobre, morrerá pobre. A partir de Hegel e Marx, ele criticou a religião, a alienação política, social e econômica, analisando as “consequências sociais, políticas e pedagógicas das diversas formas de relação entre os seres humanos” (GADOTTI, 1996c, p. 107).

Para refletir sobre a pedagogia humanizadora de Paulo Freire faz-se necessário aprofundar em suas raízes antropológicas, no ser humano como agente histórico, como inacabado. As várias influências filosóficas consolidam seu pensamento libertador e humanista.

3.1 A EDUCAÇÃO HUMANISTA

A pedagogia libertadora freireana, preocupada com a existência do ser humano no mundo, possui como aspecto central em sua *práxis* educativa a humanização. A visão humanista de Paulo Freire recebeu contribuições político-

filosóficas de vários pensadores, como já elencamos como base filosófica e raízes humanistas.

O humanismo freireano está fundado social e historicamente, ou seja, o ser humano está situado no tempo e no espaço, aberto à relação com o outro. Ao perceber que ele é um ser-no-mundo e um ser-com-outros, se distingue dos animais, pois questiona sua existência. “Essa consciência do mundo e de si próprio torna o ser humano um ser de práxis, de integração, de intencionalidade” (MENDONÇA, 2006, p. 39).

O processo de humanização, para Freire, não se dá de forma ideal na consciência do sujeito, mas na *práxis* dos homens na história, sendo ele inacabado, incompleto, envolvido com a transformação histórico-social.

É presente na obra freireana a vocação ontológica do homem para o **ser mais**, ou seja, ele possui em sua essência a capacidade de constituir sua humanidade, de ser cada vez mais sujeito e, historicamente, ir se humanizando na relação com os outros. Ela é afirmada pelo nosso autor como o “anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE, 1970, p. 30). Este chamado a **ser mais** faz com que o ser humano assuma a história e intervenha na realidade, transformando-a.

Freire considera a desumanização como uma distorção da vocação ontológica do **ser mais** para o ser menos, negada na opressão, na injustiça, na exploração, na violência dos opressores que se estabelecem como realidade histórica. Para o autor, humanização e desumanização são possibilidades do ser humano, sendo este inconcluso e consciente de sua inconclusão.

Segundo Mendonça (2006), há um antagonismo entre humanização e desumanização, sendo esta relação constituída a partir da ação humana sobre a realidade concreta. Cabe a todo ser humano a tarefa de humanização, mas aos oprimidos é mais urgente investir nesta ação transformadora e restauradora da liberdade, que humaniza tanto o opressor quanto o oprimido. Este processo será possível por meio da educação, a qual provocará o reconhecimento da autonomia do indivíduo.

A educação humanista freireana busca um caminho diferente da educação tradicional. Com o pressuposto humanista e político, ela visa uma nova concepção de educação, capaz de transformar a realidade social, ou seja, uma prática

educativo-progressista em favor da autonomia do ser do educando (FREIRE, 1996). O educando está inserido num contexto social, sendo necessário uma postura crítica, reflexiva, que problematize a realidade e as contradições da sociedade. O objetivo de sua educação é o desenvolvimento integral do ser humano e sua emancipação (ARANHA, 2006), assim como, instigar o educando a intervir no mundo.

A pedagogia de Freire consiste na educação voltada para a conscientização da opressão. Segundo Aranha (2006), Freire distingue dois tipos de pedagogia: a dos dominantes e a do oprimido. A primeira é prática de dominação e a segunda como tarefa a ser realizada, como prática da liberdade. O processo educacional deve vir acompanhado de conscientização e politização, é preciso que o oprimido transforme a realidade. Sobre a pedagogia do oprimido, Freire reitera:

aquela que tem de ser forjada *com* êle e não *para* êle, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia fará e refará (FREIRE, 1970, p.32).

A pedagogia dos dominantes baseia-se numa concepção bancária de educação, na qual o professor 'deposita' o saber e o 'saca' por ocasião da prova. Esta relação é vista como vertical, vindo o saber de cima para baixo, do professor para o aluno, daquele que sabe para o que não sabe, fomentando ainda mais a divisão entre os que sabem e os que não sabem. Já a pedagogia do oprimido problematiza o processo do conhecimento, levando em consideração o contexto social do educando e o conhecimento que já possui, sendo uma relação de diálogo com o educador e de troca de conhecimento.

A educação humanista freireana propõe uma nova concepção de educador e educando, pois, é necessário um rompimento com o modelo tradicional, como Freire salienta sobre a educação bancária: "os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo [...]" (FREIRE, 1970, p. 79). A pedagogia do oprimido propõe educandos que sejam sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, sejam vistos integralmente. Sobre a educação humanista e libertadora, Freire ressalta que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1970, p. 44).

O educador humanista é consciente de sua humanidade e contribui na humanização do educando, favorecendo o pensar autêntico e o seu poder criador, “[...] já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1970, p. 78). Desta maneira, proporciona aos educandos a superação do conhecimento proveniente do senso comum, para o reflexivo.

4 PONDERAÇÕES DE MARITAIN E FREIRE SOBRE A EDUCAÇÃO TECNICISTA

O sistema de produção capitalista, em meados do século XX, a partir das críticas feitas à escola tradicional, influenciou o sistema educacional a partir de uma visão tecnicista, apoiados na afirmação de que a educação só se tornaria profícua se implementasse nas escolas o modelo empresarial, preocupado com uma formação para o trabalho e para a cidadania.

A revolução industrial propôs mudanças radicais no modo de produção com o surgimento das fábricas, principalmente a dicotomia entre os que concebem o que será produzido, setor de planejamento, e os que executam o trabalho. Frederick Taylor, inspirado na linha de montagem automobilística de Henry Ford, no qual o processo de trabalho era parcelado, cunhou o método de produção conhecido como taylorismo (ARANHA, 2006). Este método tem por objetivo aumentar a produção e diminuir o tempo por meio de um trabalho repetitivo e irreflexivo, eliminando movimentos desnecessários e especializando funções. Para chegarem aos seus objetivos, os dirigentes das fábricas estimulavam seus funcionários por meio da competição, oferecendo promoções para os mais eficientes.

Esta visão empresarial ganhou espaço na educação primeiramente nos Estados Unidos e posteriormente influenciou vários outros países, chegando ao Brasil no início dos anos 60, no governo militar, o qual fez um acordo do Ministério

da Educação e Cultura - MEC com a *United States Agency for International Development* – Usaid.

Para Arranha (2006), a visão tecnicista tem por objetivo configurar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, preparando mão de obra qualificada para a indústria. “O conteúdo a ser transmitido baseia-se em informações objetivas que proporcionem, mais tarde, a adequada adaptação do indivíduo ao trabalho” (ARANHA, 2006, p. 231).

O taylorismo, aplicado na indústria, chega ao sistema educacional, tornando-se um método eficaz de transmissão do conhecimento que propõe a divisão de tarefas entre os técnicos de ensino que realizam o planejamento do trabalho educacional e os professores, que têm a missão de executar o que foi determinado, transmitindo um conhecimento técnico e objetivo.

A prática pedagógica tecnicista, segundo Aranha (2006), possui influência positivista e behaviorista, da psicologia americana. O positivismo é uma corrente de pensamento desenvolvida por Augusto Comte (1789 – 1857) na França, considerada filosófica, sociológica e política. Ele tem por base o empirismo, o qual afirma a origem do conhecimento na experiência sensível, porém, amplia esta visão, ao passo que considera como significativo o conhecimento que pode ser observado e testado cientificamente, excluindo todo e qualquer idealismo, superstição ou o que não possa ser comprovado cientificamente.

Segundo Mondin, para Comte, “o universo procede da matéria por via de evolução. Também o homem é produto da evolução da matéria” (MONDIN, 2005, p. 115) sendo as fases principais da história: a religiosa, na qual o homem explica a natureza buscando causas divinas; a filosófica, que recorre a princípios metafísicos para também explicar a natureza; e a científica, que faz uso das leis naturais, considerando somente o que é empírico, concreto e observável, descartando as duas fases anteriores. Essas fases podem ser compreendidas como os três estados com o qual a razão humana passa, sendo relacionado o religioso à infância, o filosófico à juventude e o científico à idade adulta (MONDIN, 2005).

No campo educacional, o positivismo tem cuidado com a formação do espírito científico a partir das ciências exatas e do incentivo ao altruísmo. Para Iskandar e Leal “Os ideais de ordem e progresso na educação aparecem sob forma de

disciplina e educação, respectivamente, como processo evolutivo” (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 92).

Herbert Spencer (1820 – 1903), um dos seguidores mais próximos de Comte, influenciou a pedagogia com a visão positivista somada com o evolucionismo de Darwin. Aranha (2006) afirma que para Spencer a educação passa por um processo em que o ser manifesta suas potencialidades, ou seja, as coisas têm em germe aquilo que serão, carecendo de condições para serem desenvolvidas. Reitera que para ele o centro da educação deve ser o ensino das ciências, sendo a física, química e biologia como fundamentais para a formação de um espírito científico (ARANHA, 2006).

A escola, na visão positivista, é objetiva e empírica, ou seja, deve privilegiar a praticidade, o que é útil e claro, favorecendo as ciências exatas (ISKANDAR; LEAL, 2002), superando as ciências humanas. Sua influência na prática pedagógica está na aplicação do método científico: “seleção, hierarquização, observação, controle, eficácia e previsão” (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 91). As ciências passaram a ser classificadas, o conhecimento segmentado, currículos multidisciplinares foram elaborados etc.

4.1 CRÍTICAS

A educação, embasada somente no conhecimento científico, não leva em consideração o homem na sua integralidade e diversidade, enaltece aspectos racionais e técnicos em detrimento das questões humanas, ou seja, enfatiza uma formação instrumental, voltada para o mercado, deixando de lado o desenvolvimento humano. Segundo Mosé, o modelo escolar contemporâneo mantém o padrão industrial: “A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda se anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas” (MOSÉ, 2013, p. 49). O modelo educacional tecnicista caiu num reducionismo, que para Maritain impede o crescimento do ser humano integralmente e para Freire leva à desumanização, ao distanciamento da vocação ontológica do homem em **ser mais**.

A educação tecnicista, de origem positivista, como já analisamos, enfatiza o conhecimento empírico e as ciências exatas, julgando como desnecessárias as ciências humanas, pois são consideradas inferiores, infantis, diante do conhecimento científico, que é o ápice do amadurecimento intelectual. Maritain não hierarquiza, mas contraria esta visão, considerando a experiência e a razão ao mesmo tempo, afirma que “[...] a experiência a efetuar-se como conhecimento racional, fundada sobre princípios que buscam as razões de ser, as causas e os fins, e apreendendo a realidade em termos de como e por quê” (MARITAIN, 1968, p. 85).

O centro do ensino-aprendizagem, na visão tecnicista, é como os meios são organizados, tendo como objetivo a eficiência e o controle. Para o humanista Maritain (1968) o centro deste processo é formar o homem em sua integralidade, sendo o aluno o agente principal deste processo, reconhecido como pessoa e não como massa. Além de considerar o desenvolvimento integral, Freire aponta para a necessidade do educando se emancipar, de ser crítico, capaz de intervir e transformar a realidade social (ARANHA, 2006). Ele reprova a educação que se curva aos interesses do mercado, impedindo a autonomia do educando, assim afirma:

O próprio comportamento progressista do empresariado que se moderniza, progressista em face da truculência retrógrada dos ruralistas, se esvazia de humanismo quando da confrontação entre os interesses humanos e os do mercado. E é uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do mercado (FREIRE, 1996, p. 112).

Maritain e Freire criticam a supervalorização da educação tecnicista que capacita o aluno para o mercado de trabalho e faz do processo educacional uma reprodução fabril, no qual tem os que planejam e os que executam, isto é, os técnicos e os professores. Na visão freireana este processo reproduz a dicotomia dominante e dominado, fomentando ainda mais a opressão, além de condicionar o indivíduo para o trabalho, numa forma de alienação, impedindo-o de desenvolver a criticidade. Caso o processo educacional vise o desenvolvimento econômico de um país, perde de vista o fim último e desvirtua a natureza humana e da sociedade.

Maritain não despreza o aspecto utilitário da educação, no qual torna o educando apto para o trabalho, mas afirma que “o melhor meio de obter êsse resultado prático é desenvolver as capacidades humanas em tôda sua amplitude. Os

estudos especializados que posteriormente poderão ser exigidos não devem jamais prejudicar a finalidade essencial da educação” (MARITAIN, 1968, p. 37). A especialização é comparada à vida das abelhas que consiste em produzir mel, deste modo a vida do homem seria também produzir. O humanista francês afirma que “[...] o culto excessivo da especialização desumaniza a vida do homem” (MARITAIN, 1968, p. 49), desprezando, assim, o aspecto universal e comum da educação.

A educação técnica também é relevante para Freire, mas ele denuncia o empresário moderno, assim como as escolas profissionalizantes, que investem no treinamento do operário/educando, mas não oferece uma educação para liberdade. Afirma que: “o que ele necessariamente recusa é a sua formação que, envolvendo o saber técnico e científico indispensável, fala de sua presença no mundo. Presença humana, presença ética, aviltada toda vez que transformada em pura sombra” (FREIRE, 1996, p. 115).

A globalização e o capitalismo têm escravizado e alienado os homens, transvestida de progresso e realização profissional, favorecendo a desumanização, assim considera Freire: “a ideologia fatalista do discurso e da política neoliberais de que venho falando é um momento daquela desvalia acima referida dos interesses humanos em relação aos do mercado” (FREIRE, 1996, p. 114). No humanismo freireano o homem precisa ser consciente do mundo e de si como ser inacabado, de sua inconclusão, em um contínuo movimento de busca. Freire salienta que “o progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação” (FREIRE, 1996, p. 147).

Para uma educação humanizadora segundo Maritain e Freire, é preciso superar a lógica tecnicista. “A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano” (FREIRE, 1996, p. 146). Este raciocínio estimula a competitividade e o individualismo que suscita a ambição e o lucro, proporcionando uma condição de violência ontológica contra os seres humanos (MENDONÇA, 2006). Maritain apresenta a importância de se superar o aspecto individualista do ser no reconhecimento de uma sociedade baseada no bem comum da coletividade (MARITAIN, 1965).

A concepção política-filosófica de Freire tem forte apoio no pensamento de Marx, o qual tem como preocupação a libertação dos seres humanos, eliminando

toda e qualquer forma de alienação que faz do homem uma coisa, ser inautêntico (MENDONÇA, 2006). Sobre a alienação configurada como desumanização, Freire afirma que:

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desêpero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “sêres para si”, não teria significação (FREIRE, 1970, p. 30).

Como analisado anteriormente, o ser humano possui uma vocação ontológica para o **ser mais**, ou seja, “para constituírem a sua humanidade e historicamente irem se humanizando” (MENDONÇA, 2006, p. 45). O contrário disso seria a desumanização, caracterizada por Marx como alienação, no qual seria a distorção da vocação ontológica para o **ser menos**, que se dá em um ambiente de opressão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, na visão de Jacques Maritain, é fundamental ao despertar humano, na sua integralidade, sendo meio de contribuir para que este possa viver em sociedade, estimulando o sentido de sua liberdade, a inteligência, a solidariedade, formando-o como cidadão e ordenando sua vontade. Além do pressuposto humanista, a educação, na visão do pedagogo Paulo Freire, salienta o seu caráter de transformação da realidade social, favorecendo a autonomia do educando, sua emancipação. Rejeita a concepção de educação bancária, tradicional, em que o educando é somente um receptor do conhecimento.

O filósofo e o pedagogo contribuíram para uma educação que humaniza tanto os educadores, quanto os educandos, num movimento dialético de aprendizagem, favorecendo a autenticidade do educando e o conhecimento reflexivo. O contrário disso, os reducionismos, impedem o educando de viver sua integralidade, a sua vocação para o **ser mais**.

A educação tecnicista, oriunda do modelo empresarial, com base positivista e behaviorista, tem sua importância, pois favorece a formação prática, para o trabalho,

com métodos de verificação científicos. O conhecimento científico é empírico, baseado nas ciências exatas, sendo o ápice do amadurecimento intelectual.

A experiência empírica, base da educação tradicional, por si só ou considerada superior a outros conhecimentos, é problemática para os autores trabalhados, pois impede a formação integral do homem, favorecendo só a técnica; priva o pensamento crítico, capaz de intervir e transformar a realidade social. O educando é treinado para atender às demandas do mercado de trabalho, se especializando em uma função, sendo o conhecimento segmentado, aprimorando a produtividade.

As reflexões trazidas neste trabalho sobre a educação tecnicista, a partir de Maritain e Freire, demonstram que ela não é de tudo prejudicial. O homem precisa trabalhar, sendo esta atividade meio de sustento para si e sua família. O problema se instala quando o modo de produção fabril, embasado pela filosofia positivista, coloca a produtividade como objetivo principal da educação, excluindo todos os outros aspectos do ser humano. Tal reducionismo é criticado pelos pensadores, pois leva a considerar somente a dimensão material, empírica, excluindo a dimensão transcendental, ou seja, desintegra o homem, além de impedi-lo a desenvolver sua vocação ao **ser mais**, sendo o tecnicismo uma desumanização, o ser menos.

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação (1996), a mais relevante lei brasileira relacionada à educação, pontua aspectos de desenvolvimento integral do educando, levando-o a ser preparado para o trabalho e a ter uma postura crítica diante da sociedade, favorecendo o exercício da cidadania. Assim, ela propõe como uma das finalidades do ensino médio o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

A maioria das instituições educacionais tenta cumprir a proposta de se trabalhar uma educação para cidadania que englobe o educando integralmente, mas os meios de avaliação, as estruturas organizacionais se limitam somente a um ensino pragmático, de depósito de conteúdo, mesmo com várias reflexões desenvolvidas neste campo. Além disso, a sociedade privilegia, cada dia mais, a educação profissionalizante, tratada neste trabalho como tecnicista, pois esta oferece respostas rápidas às necessidades do mercado. A desumanização pontuada por Freire é perceptível, os educandos são mão-de-obra para alimentar o mercado,

alienados, oprimidos, negando, assim, a integralidade humana, apontada por Maritain.

Após refletirmos sobre a educação tecnicista a partir de Maritain e Freire, é perceptível a necessidade da reflexão e o cuidado com os reducionismos, tanto o espiritualismo, não abordado neste trabalho, quanto o positivismo. Para se pensar na educação no futuro, faz-se necessário, então, considerarmos o contínuo processo de humanização, tratando a integralidade do homem e também sua vocação a **ser mais**. E esta é uma tarefa que cabe a todos, mas principalmente à Filosofia cumprir. Por assim entendermos, nisso está a pertinência e importância deste artigo.

HUMANIST AND TECHNICIAN EDUCATION: REFLECTIONS OF JACQUES MARITAIN AND PAULO FREIRE

ABSTRACT

This article aims to present the concept of education based on the proposals of the humanism of the French philosopher Jacques Maritain and the Brazilian pedagogue Paulo Freire, in order to reflect on the technical and humanist education, considering the Brazilian educational scenario. Maritain understands education as a means of forming man to become man, taking into consideration his integrality. Freire understands education as a means of liberating the individual from a critical conscience in praxis. The humanist perspective contributes to the formation of the citizen, arguing that educating for life in society requires that of the person first. His proposal is an education that humanizes both learners and educators, that frees man from oppression. Technicity education, of positivist and behaviorist origin, is concerned with training for work and for citizenship. The reflections brought out in this article demonstrate that it has both positive and negative points. Reductionism is criticized by thinkers, because it leads to consider only the material, empirical dimension, excluding the transcendental dimension, this is, man is understood outside of its integrality and prevented from developing its vocation to being more, being the technicism a dehumanization, the being less.

Keywords: Humanist Education. Education Technicity. Maritain. Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 03. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. A Voz do Biógrafo: A prática Brasileira à altura do sonho. In: _____ (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996c. p. 69-110.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL, Maria Rute. Sobre o positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 03, n. 07, p. 89-94, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4897>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- LEPARGNEUR, Hubert. Evocação de uma vida e obra: Jacques Maritain. **Revista de História**, São Paulo, v. 48, n. 98, p. 01 – 34, 1974. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132214/128320>>. Acesso em: 21 fev. 2018.
- MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- _____. **Rumos da Educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968.
- MENDONÇA, Nelino José Azevedo de. **A humanização na pedagogia de Freire**. 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4507>>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente**. Vol. III. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.